

Negócios e amigos

10 JUN 1988

Brasília

ANEXO 2

A anistia tramada no Congresso constituinte aos empresários endividados, embaçada numa sólida rede de apoio, provoca no ministro Mailson da Nóbrega o temor de uma avalanche. Se houver um perdão, a tentação da mamata, do dinheiro fácil, seduziria mais setores articulados politicamente. Qualquer plano de austeridade iria pelos ares. Por trás destas pressões, existe um explosivo sinal, devidamente captado pelos técnicos da área econômica: com o nível de preços beirando os 20%, os encargos financeiros tornam-se um peso insuportável para vários empresários, fabricando falências e concordatas.

Entre os planos em gestação na área econômica, a meta é derrubar este patamar. E é sabido que apenas com o controle dos gastos públicos uma inflação não baixa tão abruptamente — é necessário um congelamento temporário dos preços. Mas sem fechar a torneira das despesas é, na visão de Mailson, uma “grossa bobagem” e uma “inutilidade” tentar qualquer gesto mais brusco.

Os informes que chegam ao ministro da Fazenda, alguns deles transmitidos por eficientes termômetros como Antônio Carlos (Mappin) Rocca e Jorge (Arapuã) Simeira

Jacob, é de que o “pior” já passou; a sinistrose estaria neutralizada e o comércio apresentaria uma ligeira recuperação. Mas a depressão, o pessimismo, está latente como um tumor capaz de se tornar uma metástase.

Até agora a quimioterapia aplicada pelo governo vem surtindo resultados: o tumor dos preços não avança, mas também não regride. É uma batalha diária. O ministro da Fazenda desenha uma imagem: “Nós já tomamos o terreno do inimigo, mas podemos ver os soldados ao longe. Se descansarmos, seremos massacrados”. No caso, porém, os inimigos não estão na “oposição”. Mas entre os soldados do Palácio do Planalto.

Entre os financiadores morais das propostas de gastos, anistias e os mais variados gêneros de mamatas, estão articuladores do governo, localizados no Centrão, tomado pelo, digamos, “populismo de direita”. A exemplo do populismo de “esquerda”, o de “direita” também quer dividir a renda irresponsavelmente. Mas apenas para os amigos.

Gilberto Dimenstein